



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

ADSON HENRIQUE VIANA JERÔNIMO

A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO CRÍTICO

**Palmas-TO
2020**



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS
CAMPUS PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

ADSON HENRIQUE VIANA JERÔNIMO

A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO CRÍTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras do curso de Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, *Campus Palmas/TO*.

Professora Orientadora: Prof^a. Me. Erika de Souza Luz

**Palmas-TO
2020**

ADSON HENRIQUE VIANA JERÔNIMO

A LITERATURA INFANTIL COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO CRÍTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras do curso de Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, *Campus Palmas/TO*.

Professora Orientadora: Prof^a. Me. Erika de Souza Luz

Aprovado em: 30/11/2020

Profa. Me. Erika de Souza Luz
IFTO – Campus Palmas

Prof. Dr. Rivadavia Porto Cavalcante
IFTO – Campus Palmas

Profa. Me. Mariana da Silva Neta
SEDUC – TO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Bibliotecas do Instituto
Federal do Tocantins**

J56l Jerônimo, Adson Henrique Viana

A literatura infantil como prática de letramento crítico / Adson Henrique
Viana Jerônimo. – Palmas, TO, 2020.

74 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em
Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2020.

Orientadora: Ma. Erika de Souza Luz

1. Literatura Infantil. 2. Aprendizagem. 3. Desenvolvimento crítico.
I. Luz, Erika de Souza. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins de estudo e pesquisa,
desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DEDICATÓRIA

A minha avó e minha irmã, que com muito carinho e amor sempre me apoiaram para que eu chegasse a esta etapa da minha vida. Ao meu esposo Rômulo, por toda paciência nos momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de olhar para trás e sentir orgulho por todo caminho percorrido durante esse ciclo de choro, risadas, felicidades e frustrações.

Durante uma jornada difícil, percebemos que não somos tão fortes quanto imaginamos e, quando olhamos novamente por todo trajeto percorrido, notamos realmente quem sempre esteve disposto a nos ajudar.

Sendo assim, agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças para levantar e continuar meu caminho mesmo quando a vontade de desistir estava presente em meus pensamentos. À minha família, especialmente as minhas duas guerreiras favoritas, minha irmã Pâmella e minha avó Maria de Fátima, pois nunca deixaram de acreditar no meu potencial nem por um instante.

Agradeço ao meu amigo e esposo Rômulo, por toda paciência, compreensão e carinho durante toda essa jornada.

Também agradeço ao corpo docente de Letras por enriquecer a minha bagagem de conhecimento, por tanto que se dedicaram não só a mim, como também a todos os meus colegas.

Agradeço a todos que participaram dessa pesquisa, pela disposição e auxílio no processo de coleta de dados.

E o que seria dessa jornada sem bons amigos? Por isso, agradeço aos amigos que conquistei durante o curso, especialmente, Dara, Fagner, Geovana e Ana Carolina, por compartilharem seus conhecimentos e também sempre me fazendo acreditar no melhor. E também, meus agradecimentos a todos os meus amigos que estiveram presentes durante toda essa jornada, em especial, Glauber, que sempre torceu pela chegada desse momento me confortando e dizendo que tudo iria dar certo.

Por fim, agradeço a uma pessoa que aprendi a admirar e usar como exemplo, a minha Orientadora, Prof^a Me. Erika Luz, por todo apoio, carinho e paciência ao longo não só da conclusão do meu trabalho, mas também ao longo de todo o curso. Desde o II período com a disciplina de Linguística Textual e principalmente no VII período com a disciplina de Literatura Infanto Juvenil mostrando-me uma nova perspectiva sobre essa área de ensino. Obrigado pela incansável dedicação e confiança durante o desenvolvimento e realização desse trabalho.

*“Não há nada sob o sol maior
do que a educação”.
Jigoro Kano*

RESUMO

Este trabalho busca apresentar a Literatura Infantil como instrumento no processo de desenvolvimento crítico. Para isso, fez-se um resgate da história da literatura infantil e os seus caminhos percorridos até o atual contexto escolar. A literatura infantil é um meio que enriquece o conhecimento e informa através de seu aspecto lúdico-prazeroso, para que assim as crianças possam ter acesso ao imaginário e, cada uma ao seu tempo e modo, associar com aspectos do mundo real. Esta pesquisa se faz necessária, uma vez que é notória a necessidade do contato das crianças com os textos literários, seja oral ou escrito, em seu meio de aprendizagem. O objetivo deste estudo é compreender as influências do texto-lúdico literário no processo de desenvolvimento crítico da criança. Este intento realizou-se mediante a contação de histórias de três obras, escolhidas especialmente para o desenvolvimento deste trabalho por abordar temáticas que se fazem presentes no contexto da criança, em quatro turmas do Ensino Fundamental dos anos iniciais de uma escola municipal de Palmas, Tocantins. Os dados dessa pesquisa foram gerados por meio da análise de atividades realizadas pelos alunos referentes às temáticas abordadas na contação histórias. Também foram aplicados questionário às professoras regentes de cada uma das turmas, buscando analisar a frequência do trabalho literário e como ocorre a aceitação dos alunos durante as aulas de leitura de literatura infantil. A análise demonstrou que a leitura de literatura, quando ocorre de maneira adequada, proporciona uma intertextualização entre o mundo do leitor e o conhecimento adquirido durante a leitura, possibilitando dessa forma que a criança tenha confiança em expressar suas emoções e capacidade para encontrar soluções para problemas que estão a sua volta.

Palavras chave: Literatura infantil. Aprendizagem. Desenvolvimento crítico.

ABSTRACT

This work seeks to present Children's Literature as an instrument in the critical development process. To this end, a rescue was made of the history of children's literature and its paths to the current school context. Children's literature is a means that enriches knowledge and informs through its playful-pleasurable aspect, so that children can thus have access to the imaginary and, each in its time and manner, associate with aspects of the real world. This research is necessary, since it is noteworthy the need for children's contact with literary texts, whether oral or written, in their learning medium. The purpose of this study is to understand the influences of literary lyrics on the critical development process of the child. This was accomplished by telling stories of three works, chosen especially for the development of this work by addressing themes that are present in the context of the child, in four classes of the Basic Education of the initial years of a municipal school of Palmas, Tocantins. The data of this research were generated through the analysis of activities carried out by the students concerning the topics addressed in the story-telling. Questionnaire were also applied to the teachers in each of the classes, seeking to analyze the frequency of literary work and how the acceptance of students occurs during the lessons of reading children's literature. The analysis showed that reading literature, when it occurs appropriately, provides an intertextualization between the world of the reader and the knowledge acquired during the reading, thus allowing the child to have confidence in expressing his emotions and ability to find solutions to problems that are around him.

Keywords: Children's literature. Learning. Critical development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. JUSTIFICATIVA	12
3. OBJETIVOS	13
3.1 OBJETIVO GERAL	13
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
4. CONCEITO HISTÓRICO SOBRE A INFÂNCIA	14
4.1 APARIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL	15
4.2 CONFLITOS COM A LITERATURA INFANTIL	17
4.3 LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA	18
5. CONCEPÇÕES DE LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA NA INFÂNCIA	21
6. METODOLOGIA	24
7. ANÁLISE E REFLEXÕES	26
7.1 CONSTRUÇÃO DE VALORES	26
7.2 DESCONSTRUINDO PADRÕES	32
7.3 INCLUSÃO DA CRIANÇA NA FORMAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS	41
7.4 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COMO MEDIADOR ATIVO NA PRÁTICA DE LEITURA DE LITERATURA INFANTIL	48
CONSIDERAÇÕES	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
ANEXO I	58
ANEXO II	64
ANEXO III	69
ANEXO IV	75

1. INTRODUÇÃO

A literatura possui diversas funções na sociedade, dentre elas a de promover o desenvolvimento linguístico, cognitivo, social, o entretenimento, o contato com as manifestações culturais e a língua de um país, podendo funcionar como repertório histórico da produção de conhecimento das gerações humanas, além de contribuir para a formação de pessoas e fomentar o letramento social.

Contudo, no que se refere à literatura enquanto prática no processo de aprendizagem, a Literatura Infantil deveria ser considerada como ponto de partida para o desenvolvimento de competências críticas na primeira fase de aprendizagem das crianças. O texto literário colabora de modo imprescindível para o processo de formação de leitores e, conseqüentemente, para a formação da criticidade da criança.

Acredita-se que o primeiro ciclo familiar seja o responsável por iniciar e desenvolver a iniciação literária, mas é na escola que as práticas de letramento acontecem e se identificam enquanto prática social.

Para COSSON (2012), a prática literária deve ser promovida na escola de modo que se viabilize o exercício da leitura literária sem o abandono do prazer e, ao mesmo tempo, com o compromisso necessário para o desenvolvimento do conhecimento.

E é com esse olhar que voltamos novamente à atenção para as práticas literárias na escola, principalmente nas séries iniciais, momento de aquisição da linguagem e do conhecimento de mundo, momento em que o real e o lúdico se fundem para a construção de saberes.

Nesse sentido, convida-se para uma reflexão sobre as práticas pedagógicas em relação ao trabalho com a literatura, principalmente nas séries iniciais, momentos em que pensamos numa educação transformadora, inclusiva e emancipadora.

Para Santos e Moraes (2013, p.30), a literatura enquanto prática de letramento está ligada ao trabalho de recepção/produção de “textos literários” relacionados ao aspecto estético alcançado por um modo especial que também permite a constituição de universos imaginários e ficcionais.

Acredita-se que a ligação entre o real e o imaginário promovida pela arte literária é uma base importante para a promoção da criticidade infantil, pois o texto literário estabelece uma nova ordem, mas sem romper totalmente com a ordem real que lhe dá origem.

Paulino (2005) destaca que para um cidadão seja considerado literariamente letrado, este precisa cultivar e assumir como parte de sua vida a leitura de literatura, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto [*ficcional*] proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para o seu ato de ler. O autor ainda destaca que, para a leitura literária, devem ser consideradas as habilidades cognitivas, comunicativas e interacionais, afetivas e estéticas necessárias para a realização de uma leitura literária, assim como as competências sociais.

E é com esse olhar que proposta deste trabalho de pesquisa foi desenvolvida e aplicada. Pretende-se aqui demonstrar a importância da literatura infantil para o desenvolvimento linguístico, social, cultural e crítico das crianças. Para isso, realizou-se um percurso pela teoria que perpassa essa área do conhecimento, no intuito de mostrar que essa literatura, por ser tão importante para o desenvolvimento, vem ganhando espaços teóricos e práticos.

2. JUSTIFICATIVA

A proposta de pesquisa contida no presente trabalho se faz necessária, uma vez que é notória a necessidade do contato das crianças com os textos literários, sejam orais ou escritos.

Sabe-se que a literatura é base para a construção de conhecimentos, enriquece o processo de aquisição da linguagem, desenvolve a percepção e análise de diferentes situações, promovendo o senso crítico.

Nas oportunidades de contato com o universo escolar, percebe-se que esta é uma área não muito valorizada. Geralmente, os profissionais que trabalham com a Educação Infantil e com os anos iniciais do Ensino Fundamental desconhecem a real importância dessa arte para o desenvolvimento de competências. A literatura infantil muitas vezes é vista como mero passatempo, como castigo para os que não realizaram outra atividade. Quando a escola faz a opção de leitura de algumas obras, essas não são devidamente exploradas, são apresentadas sem estímulos no sentido de atizar a curiosidade dos alunos para que conheçam o texto e, posteriormente, terem curiosidade para continuarem futuros leitores.

Existem fatores que contribuem para que a criança desenvolva o gosto pela

leitura. Orienta-se que os familiares leiam para as crianças, de maneira que eles tenham o exemplo familiar como modelo inicial. A escola, por sua vez, deverá fomentar a curiosidade e o hábito de ler principalmente por prazer, não por obrigação.

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. (BRASIL, 2017, p. 40)

Os professores deveriam, com base em atividades de concepção de leitura, fazer uso de estratégias didáticas de exploração textual, fomentando a competência crítico-discursiva e o processo de formação de leitores.

Nesse sentido, esta proposta de trabalho visa aplicar atividades literárias para turmas de 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental (anos iniciais), objetivando uma sondagem de conhecimentos e o desenvolvimento da criticidade das crianças participantes através de atividades de contação de histórias, que foram selecionadas previamente para o desenvolvimento deste trabalho.

É importante salientar a importância desse trabalho para a prática de estudo em virtude da necessidade de mais pesquisas referentes à literatura infantil, refletindo assim sobre a importância dessa área literária e oferecendo às crianças a oportunidade de vivenciar experiências que contribuirão para o desenvolvimento de competências, habilidades e capacidades.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Compreender as influências dos textos lúdico-literários no processo de desenvolvimento da criticidade da criança.

3.2 Objetivos Específicos

- ✓ Incentivar o contato com textos literários;
- ✓ Despertar senso crítico através dos textos literários;

- ✓ Fomentar a maturidade linguística através do trabalho com a oralidade;
- ✓ Despertar na criança o hábito da leitura.

4. CONCEITO HISTÓRICO SOBRE A INFÂNCIA/CRIANÇA

Para entendermos sobre a literatura infantil, é necessário pensar em seu leitor/receptor: a criança. Até o Século XVII, a criança era considerada um “adulto em miniatura”, período de sua infância que deveria ser encurtado o mais breve possível, ou seja, não existia um mundo infantil, diferente, separado dos adultos e muito menos uma visão especial da infância. Com isso, não havia obras específicas voltadas para esse público.

De acordo com Zilberman (1983):

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 1983, p.13)

Acredita-se que até esse período as crianças viviam socialmente como adultas, compartilhando os mesmos estilos de roupas, ambientes domésticos e sociais como o trabalho.

É somente no século XVIII que a criança passa a ser considerada como um ser diferente dos adultos. Após a Revolução Francesa, a criança começa a ser vista como um setor social, o que se consolidou já na Idade Contemporânea, como fruto de uma nova visão de mundo e de uma nova organização social.

Sendo assim, existindo esse distanciamento da fase “adulta”, a criança passa a receber a educação diferenciada que irá prepará-la para essa vida. A partir disso, o adulto passa a idealizar a criança como um ser ingênuo e dependente, acreditando na sua falta de experiência com o mundo real. Já na atualidade, muitos ainda possuem essa concepção sobre a infância como período da ingenuidade e da falta de controle da realidade.

Para a Psicologia da Aprendizagem, o pensamento infantil não tem uma lógica racional. A infância é abordada como um período de preparação para a vida adulta.

Tais concepções estão presentes em nossa atualidade e possíveis de serem notadas até mesmo no modo em que os livros são catalogados pelas editoras.

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais. (ZILBERMAN, 1983, p. 18)

É preciso entender que a criança, ser social, também possui conflitos, medos, dúvidas e contradições, não por ignorar a realidade, mas por carregar consigo a imagem projetada do adulto.

4.1 APARIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL

Desde o seu início, a literatura aparece relacionada a uma função essencial: atuar sobre as mentes capazes de decidir ações, expandir sentimentos, desejos e emoções. Em essência, a natureza da literatura infantil é a mesma da que se volta aos adultos. As diferenças que especificam uma da outra vêm da classe do seu leitor/receptor: a criança.

De acordo com Carvalho (2015), a literatura infantil surge no século XVII com Fenélon (1651-1715), padre, teólogo, poeta e escritor francês; dentre seus escritos, os considerados infantis, surgiram a pedido da duquesa de Beauviller, justamente com a função de educar moralmente as crianças. Nesse momento, a literatura infantil se torna um gênero transformador social com influência no meio artístico.

As primeiras histórias tinham caráter maniqueísta, a fim de mostrar claramente o bem a ser aprendido e o mal que deveria ser menosprezado. A maioria dos contos de fadas, fábulas e até mesmo muitos textos da contemporaneidade encaixam-se nessa tradição.

Os contos de fadas conhecidos atualmente surgiram na França no final do século XVII. Charles Perrault (1628-1703) realizou edições em narrativas folclóricas de camponeses, retirando partes que mencionavam assuntos como canibalismo, estupro, incesto e foi no ano de 1697 que Perrault trouxe a público o livro chamado “Histórias ou contos do passado com moralidades”, tal livro retratava histórias que ouvia de sua mãe e nos salões de Paris e, por meio de tal publicação, surge um novo

gênero literário: o conto de fadas, que ultrapassou limites franceses e ganhou marca universal.

Acredita-se também que a mitologia grega já possuía um modo particular de transmitir o contexto da história de “Chapeuzinho Vermelho”. Posteriormente, Charles Perrault trouxe a história moralizadora e mais adequada aos ambientes sociais que conviviam na época. A história da menina e do lobo sofreu ainda alterações por Hans Christian Andersen e pelos Irmãos Grimm.

No Brasil, pode-se afirmar que a literatura infantil teve o pontapé inicial no século XIX, com os autores Carlos Jansen (1829-1889) e Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914), que foram os primeiros a se preocuparem com a literatura infantil no país. Contudo, é apenas no ano de 1921, com a publicação da obra “Narizinho Arrebitado” de Monteiro Lobato que a literatura infantil teve de fato o seu marco inicial no Brasil. Ademais, para Cunha (1987), a literatura infantil no Brasil surge com obras pedagógicas e adaptadas das obras portuguesas, demonstrando a típica dependência da colônia.

De acordo com Cademartori (2010), é em meados de 1986 que a comunidade acadêmica brasileira começa a valorizar e a considerar o gênero literário atribuído ao público infantil como alvo de discussões. Atualmente, a literatura infantil possui outras características, como fornecer uma nova visão da realidade.

Neste caso, faz-se um paralelo entre o real e o imaginário, utilizando a comparação de tudo que está ao redor da criança com o mundo fictício, trazendo assim novas formas de enxergar e pensar sobre as situações que as cercam. Sabe-se que a leitura de literatura infantil, com seu caráter lúdico, constitui um caminho natural para o mundo da leitura e de tudo o que ela pode proporcionar. Cunha (1974) afirma que:

A Literatura Infantil influi e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a Literatura Infantil tem meios de atuar. (CUNHA, 1974, p.45)

Sendo assim, a literatura infantil possui importância fundamental em vários aspectos na educação, principalmente na formação de novos leitores, pois ela estimula a leitura através do belo que está presente nos textos literários.

A literatura infantil é a trilha que leva as crianças diretamente ao universo da leitura de maneira divertida e é por meio do seu caráter lúdico e encantador que faz com que a atenção das crianças se volte para tal universo.

4.2 CONFLITOS COM A LITERATURA INFANTIL

Desde a sua aparição, em meio ao século XVII, a literatura infantil vem sofrendo preconceito acerca da sua importância. Por seu caráter singular, surgem sempre comparações com a literatura não infantil, ou seja, a lida, aceita e praticada pelos adultos. Além disso, por causa dessa classificação, a literatura infantil já nasce com o peso de menoridade, pois está sempre ligada a um projeto político-pedagógico e também a seu público que é a criança.

Acontece que não apenas a literatura infantil está passando por conflitos na atualidade, mas também a literatura como um todo, inclusive o seu processo de ensino. Segundo Perrone-Moisés (2000, p345), “no momento atual a literatura está sendo questionada em sua produção e em sua recepção, encontrando-se ameaçada em seus próprios fundamentos”. Percebe-se, então, que a literatura infantil passa constantemente por incertezas em relação a seu valor e importância. Os conceitos mercadológicos contribuem claramente para o crescimento dessa problemática.

Segundo Sodré (1985), o preconceito que envolve a literatura está presente e pode ser observado em uma simples visita a uma livraria, onde percebe-se uma arrumação preconceituosa:

Quem visita uma livraria organizada à maneira norte-americana não pode deixar de perceber que a arrumação das prateleiras atende a uma certa discriminação literária. De um lado, estão romances de autores como Thomas Mann, Malcolm Lowry, Jorge Luis Borges, Guimarães Rosa, Machado de Assis e outros, reconhecidos como “clássicos” ou “grandes escritores”, produtores de Literatura (com maiúscula). No outro, misturam-se figuras como Dashiell Hammett, Isaac Asimov, Agatha Christie, Ray Bradbury, Michael Moorcock, Karl May, em meio a manuais de emagrecimento, de como fazer sucesso ou subir na vida, etc. Neste caso, lida-se com produtores de best-seller ou, mais especificamente, quando se trata do gênero narrativo, com autores de literatura de massa (desta vez, com minúscula). (SODRÉ, 1985, p. 5)

Por ser considerada muitas vezes como literatura de pouca qualidade, sua venda acaba sendo focada na quantidade e não na sua qualidade. Atualmente, pode-se observar que as obras infantis são feitas a partir de fórmulas prontas. No comércio

é possível encontrar livros de péssima qualidade com ilustrações fora do contexto e sem qualidades para o leitor. Veem-se livros com textos empobrecidos que focam apenas em seu consumo desenfreado e não em sua qualidade literária.

Ao falar sobre a natureza da literatura infantil, Nelly Novaes Coelho (1993), destaca:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte; fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 1993, p.24)

A autora ressalta que obras voltadas para o público infantil devem ter qualidade literária, sem, no entanto, desconsiderar o caráter pedagógico que podem oferecer. O funcional é a adequação da leitura ao estágio psicológico da criança, de maneira que a literatura seja menos um entretenimento e mais um meio para que ela vivencie uma experiência “rica de vida, inteligência e emoções”.

Sendo assim, o conceito mercadológico torna-se um grande vilão contra a literatura infantil que luta constantemente pelo seu reconhecimento como arte, como obra de igual valor dentro do espaço cultural.

4.3 A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

O desenvolvimento de uma criança não ocorre de forma linear. As mudanças acontecem gradualmente e estão relacionadas a fatores biológicos e, ainda há aqueles proporcionados pelo ambiente familiar, escolar entre outros que a criança participe.

O Ensino Fundamental é a etapa mais longa da Educação Básica, visto que atende estudantes entre 6 e 14 anos. Há, portanto, crianças e adolescentes que, ao longo desse período, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros.

O professor de Ensino Fundamental precisa conhecer as características de desenvolvimento e as peculiaridades de cada faixa etária para desenvolver um trabalho efetivo, que mostre para as crianças e adolescentes a importância significativa da leitura para suas vidas. E uma das especificidades do trabalho com crianças é a compreensão do modo como elas se expressam, se comunicam,

experimentam, brincam, enfim, aprendem sobre o mundo e a cultura que as cercam. Deste modo, é importante pensar numa educação transformadora, que construa conhecimento.

A criança, sujeito histórico e de direitos, possui maneiras próprias de produzir significados e de aprender. É curiosa, ávida por novidades, aprende pela imitação e pela interação, movimenta-se o tempo todo e fala a linguagem “universal” na infância: o brincar.

A brincadeira é algo que pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro. Ela cria e recria, a cada nova brincadeira, o mundo que a cerca. O brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir consigo, com o outro, com o mundo. (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 104)

Garantir a vivência de situações cotidianas que abordem a oralidade e escrita na Educação Infantil e Ensino Fundamental contribui para o desenvolvimento lógico, da criatividade, da imaginação, da socialização, entre outros benefícios.

Com essa experiência cotidiana, a criança não apenas exercita instruções e determinações recebidas de outros, mas inicia uma aproximação com os saberes externos, mesmo que ainda não estejam formalizados. Nesse processo, aos poucos, ela estabelece relações entre o imaginário e sua vivência, tendo contato com situações e passando a refletir sobre o que observa.

Dentro do contexto escola/aprendizagem, a literatura infantil é vista às vezes como positiva e outras como muito negativa. Por ter uma característica pedagógica, essa literatura destinada aos jovens leitores não é apresentada ao seu público de forma bela e prazerosa, surgindo assim a má formação de novos leitores. Com isso, tornam-se presentes adultos que não possuem o gosto pela leitura e não valorizam sua importância.

Seguindo esse pensamento, a utilização da literatura infantil no âmbito escolar acontece de maneira errada, pois tal literatura não se preocupa em ensinar conteúdos referentes a disciplinas escolares, mas representar a arte. Frantz (2011) constata que a escola tem falhado na condução desse processo de estímulo à literatura, no que se refere ao processo de formação de leitores.

Ela não tem conseguido introduzir o aluno no mundo da leitura, a partir da beleza, magia, do prazer, da alegria que uma boa leitura pode proporcionar ao seu leitor. O aluno não consegue perceber a leitura como

uma atividade significativa e gratificante em sua vida, e por isso não se interessa por ela e então não pratica. (FRANTZ, 2011, p.24)

Mesmo com todos os aspectos positivos, a literatura infantil não é muito presente dentro do contexto escolar. Muitas vezes, quando acontece, é utilizada apenas como método de punição para os que não realizaram alguma outra atividade.

Além disso, o conflito mercadológico, citado anteriormente, acontece pelo motivo do mercado dos livros infantis se apresentar muito aprisionado à escola, e com isso surge a maior consequência de todas, o destino final desses livros não costuma ser uma criança ou adolescente, mas o mediador, que é o adulto, ou seja, aquele que escolhe o livro. Isso tudo faz com que a criança cresça num ambiente de negação para leitura.

Atualmente, a escola possui como um dos seus objetivos fundamentais, preparar os alunos, durante a sua convivência, para exercer a cidadania. Mas como a escola alcançará tal objetivo se não formar novos leitores para que sejam conscientes dos direitos e deveres para reconhecer essa importância?

Um dos objetivos do ensino fundamental deve ser capacitar os alunos para: compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. (BRASIL, 1997, p. 9)

Cabe ao professor essa difícil tarefa, de não só elaborar aulas diferenciadas utilizando recursos literários, mas também contextualizá-los, abordando a temática das aulas e assim despertando o interesse pela leitura.

De acordo com Moric (1974), a literatura constitui uma arte, mas também ajuda o jovem leitor a desenvolver sua percepção estética do mundo, refinar suas qualidades, revelar sua inteligência, suas ideias, seu gosto.

Não existe possibilidade de retirar a literatura infantil do meio escolar, até porque o caráter educativo marca a sua aparição. Contudo, é necessário encontrar um meio de utilizá-la dentro da sala de aula sem que seja apenas para o ensino de conteúdos, mas sim para a familiarização do leitor com tal representação artística e, por conseguinte, a compreensão de sua expressão literária e influência para a formação do pensamento crítico.

5. CONCEPÇÕES DE LEITURA E SUA IMPORTÂNCIA NA INFÂNCIA

Diante do que foi apresentado anteriormente, surge a importância de falar sobre o hábito da leitura para que assim a literatura infantil seja notada e passe a ser respeitada como arte. Todavia, há outra complicação em relação à literatura, não apenas no meio escolar, mas também no meio social. Acontece que para muitos a leitura, o ato de ler, resume-se apenas no ato de decodificar e compreender superficialmente as informações retratadas no texto.

Primeiramente, quando se fala em leitura, automaticamente se pensa na capacidade ou aptidão de decodificar letras que estão presentes num texto escrito e depois pronunciá-las de acordo com a norma culta da língua portuguesa. Esse é o entendimento sobre o que é leitura no contexto social atual e é o que está presente durante as atividades escolares. Isso é herança de uma tradição enraizada nos métodos e nas teorias educacionais sobre o ensino e o aprendizado da leitura, que se baseia apenas na pronúncia perfeita, que precisa ser modificado. É necessário priorizar a interação do sujeito com o objeto de conhecimento, ou seja, aluno e texto. Desta forma, estaremos seguindo rumo às novas tendências e concepções de leitura.

De acordo com o Dicionário Online de Português (Dicio), o termo leitura é o ato de decifrar o conteúdo escrito de algo; ato de falar um texto em voz alta. Sendo assim, tem-se o simples fato da ação de ler algo que pode ser compreendido ou interpretado de forma subjetiva.

Durante algum tempo, acredita-se que a escola distancia a atividade de leitura da compreensão de mundo sem conceder um verdadeiro significado das palavras. A leitura em sala de aula tem se tornado tediosa, cansativa, sem significado para a maioria dos alunos. Vargas (1997) afirma que tratando a leitura como atividade artística pode ser uma forma de não vacinar as crianças contra ela.

Ainda de acordo com Vargas (1997), ler é intertextualizar o mundo do leitor com o conhecimento que a leitura realizada oferece, atribuindo assim sua própria percepção de mundo.

Ler, portanto, significa colher conhecimentos e o conhecimento é sempre um ato criador, pois obriga a redimensionar o que já está estabelecido, introduzindo o mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que me cerca. (VARGAS, 1997, p. 6)

Os benefícios da leitura eficiente para o desenvolvimento infantil são inúmeros. Crianças que possuem contato com livros, desde cedo, desenvolvem-se melhor. Quando a criança tem esse contato com a leitura, ela:

- Amplia o vocabulário e é incentivada a falar cada vez mais e melhor;
- Apresenta mais criatividade e imaginação;
- Desenvolve maior concentração e atenção;
- Pode resolver alguns conflitos internos (como medo de escuro, de monstros, lobo, bruxa, de ser abandonado, etc.) e apresentar maior segurança no dia a dia;
- Aprende a diferença entre histórias contadas e as escritas (pois as escritas nunca mudam);
- Percebe as diferenças entre ilustrações e escrita e, posteriormente, entre letras e números;
- Tem mais facilidade no processo de aquisição de leitura e escrita;
- Amplia os conhecimentos sobre o mundo que o cerca;
- Desenvolve o hábito da leitura;
- Fortalece cada vez mais o vínculo afetivo com as pessoas presentes em seu cotidiano.

Para que todos esses e ainda outros benefícios se concretizem, a leitura de uma história deve ser prazerosa entre a criança e seus familiares e/ou professores. Deve também se constituir em uma forma mágica de brincar com as palavras, incentivando a criança a querer explorar os livros, sempre mais e mais.

Além disso, o trabalho com a oralidade/leitura deve se fazer presente no contexto escolar, uma vez que, por meio da oralização de textos, podem ser feitos debates e reflexões de situações socialmente significativas, envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas nos diferentes campos de atuação.

Outrossim, a expressão oral tem sido cada vez mais valorizada, mas a escola, mesmo assim, não tem criado espaços interativos entre a leitura/oralidade com textos escritos e muito menos contextualizando tais práticas com o espaço em que o aluno se encontra. Sendo assim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe que a criança produza determinados gêneros de modalidade escrita, como por exemplo: notícia, reportagem, em outras mídias e suportes digitais, como o jornal de rádio ou

televisivo.

Com tais atividades, haveria o aumento de práticas de expressão oral no ambiente de aprendizagem, fazendo com que os alunos participem de atividades de leitura, possibilitando o aumento do repertório de experiências e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos. Futuramente, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações cotidianas.

O papel dos educadores, e também dos familiares, começa oferecendo à criança, desde cedo, livros de boa qualidade, que não apresentem estereótipos ou qualquer tipo de discriminação. Além disso, os mediadores devem demonstrar prazer em realizar leitura.

Retomando o pensamento da autora Zilberman (1983), a imagem da criança é representação do adulto que está em seu convívio, sendo assim, a criança observa e imita seus modelos, sejam bons ou não. Por isso, a extrema necessidade que o professor demonstre o gosto pela leitura.

Para que o ensino literário continue dando seus frutos, é necessário que o professor, antes do aluno, continue acreditando nas virtudes da literatura. Se o próprio professor não confia mais no objeto de seu ensino, e não faz deste um projeto de vida, é melhor que escolha uma profissão mais atual, menos exigente e mais rentável. (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 351)

É função da escola incentivar o contato e o bom relacionamento com os diversos condutores de texto para que as atividades de leitura e escrita apresentem resultados além do âmbito escolar. Contudo, a escola não deve focar na formação de profissionais da escrita, mas sim garantir as competências de leitura e escrita aos alunos.

Existem vários condutores de texto e, cada um tem a sua particularidade, formas individuais de serem apresentados dentro do contexto que pertencem. A literatura infantil é um condutor que apresenta a arte de forma humanizadora e envolvente. Jolibert (1994) acredita que:

É lendo que nos tornamos leitores e não aprendendo primeiro para poder ler depois: não é legítimo instaurar uma defasagem, nem no tempo, nem na natureza da atividade, entre “aprender a ler” e “ler”. Colocada numa situação de vida real em que precisa ler um texto, ou seja, construir seu significado (para sua informação ou prazer), cada criança mobiliza suas competências anteriores e deve elaborar novas estratégias para concluir a tarefa. [...] Não se ensina uma criança a ler: ela é quem se ensina a ler com a nossa ajuda (e a de seus colegas e dos diversos instrumentos da aula, mas também a dos pais e de todos os leitores encontrados). (JOLIBERT, 1994, p. 14)

As crianças são imaginativas, exercitam a realidade por meio da fantasia. Por isso, é preciso oferecer várias fontes de literatura, como os contos, histórias sem texto escrito (somente com ilustrações) e com o texto escrito, fábulas, poemas, entre outros. Identificar assuntos que chamem a atenção dos pequenos pode ser um bom começo para incentivar o gosto pela leitura.

6. METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos do trabalho para identificar como a literatura infantil influencia no processo de desenvolvimento crítico da criança. Para a realização da pesquisa, adotou-se a metodologia qualitativa-expositiva, por ser mais adequada às interpretações de sentido a partir do *corpus* selecionado. Para isso, apoiamo-nos nas concepções de Silveira, Córdova (2009).

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (SILVEIRA, CÓRDIVA, 2009, p. 32)

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal de Palmas, Tocantins, com alunos dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental (anos iniciais), os quais realizaram algumas atividades de acordo com as temáticas dos livros abordados dentro da sala de aula. Também foram aplicados questionários para as professoras regentes de cada turma, visando saber com que frequência e modo a literatura infantil é abordada dentro do contexto escolar. O *corpus* foi formado através das atividades dos próprios alunos participantes sobre o conhecimento e ponto de vista das temáticas abordadas. Os livros utilizados nesta pesquisa são: Carta à Prefeita, de Fernando Carraro; Maju não vai à festa, de Mônica Pimentel e Sabix: Respeito ao outro, de Alfredo Boulos Júnior.

As obras acima mencionadas foram apresentadas aos alunos através da oralidade, ou seja, com a contação de histórias, pois nem sempre o público envolvido

no processo de ensino-aprendizagem é leitor e assim a proposta pedagógica ficaria comprometida. A ideia de apresentar os livros por meio da oralidade surgiu a partir do pensamento dos autores Leal; Albuquerque; Moraes (2017), que acreditam que, por meio da oralidade, as crianças participam de diferentes situações de interação social e aprendem sobre elas próprias, sobre a natureza e sobre a sociedade. A contação das histórias fez uso do caráter lúdico da literatura infantil adotando o estilo de rodas de conversas, abrindo espaço para interações durante a leitura e, buscando assim, desenvolver a curiosidade das crianças neste primeiro contato com os livros.

Somado a isso, de acordo com a BNCC, a oralização das práticas de leitura devem ganhar destaque nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois, por meio da oralidade, os alunos podem não apenas refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais, como também podem explorar pequenas discussões em torno do que está sendo lido, estimulando os alunos a se posicionarem a respeito da temática abordada, e, a partir disso, manifestarem seus pontos de vista.

Vale lembrar que, muitas vezes, o trabalho com a oralidade com crianças não ganha centralidade porque, de maneira errada, alguns profissionais acreditam que esse seja um conhecimento prévio, algo que a criança já deve trazer pronto, ou quase pronto, de casa.

Durante a leitura dos livros, foi proposto aos alunos um momento para troca de ideias, com algumas perguntas que surgiram de acordo com a temática de cada livro, sempre com respeito e consideração com as opiniões dos colegas. Também foi proposto que, durante a leitura, cada aluno anotasse as palavras que para eles os significados fossem desconhecidos. Conversando e expressando as suas ideias, as crianças também exteriorizaram sentimentos, desejos e necessidades, avançando na construção de significados e conhecimentos.

Diante do exposto, as análises foram organizadas em quatro tópicos, a fim de constatar como a literatura infantil serviu de instrumento para a construção do senso crítico dos alunos participantes. Dentro desses tópicos serão apresentadas algumas das atividades realizadas. É considerável dizer que, para essa pesquisa, o ponto principal não é analisar a escrita dos alunos e sim denotar como a literatura contribuiu para o conhecimento de mundo dos estudantes participantes.

7. ANÁLISE E REFLEXÕES

Neste momento, serão analisados e discutidos os quatro tópicos, a fim de constatar como a literatura infantil se mostrou eficaz no processo de desenvolvimento crítico dos alunos.

7.1 CONSTRUÇÃO DE VALORES

No livro “Sabix: o respeito ao outro”, do autor Alfredo Boulos Júnior, a amizade entre um papagaio e um menino constitui o cenário para a discussão de valores como aceitação, respeito à diversidade e cooperação. Sabix é um papagaio inteligente e o melhor amigo de Juninho. Na história, Juninho e sua família são convidados para um casamento em Angola. Durante o voo, Juninho conhece Alexandre, um cadeirante que está indo visitar o pai. Ele percebe, então, que mesmo vivendo uma realidade diferente da sua, Alexandre pode ser um grande amigo.

Imagem 1



Fonte da Imagem: FTD

Mesmo abordando situações cotidianas que, teoricamente, fazem parte do contexto dos alunos, esse livro foi de extrema importância para os participantes observarem com novos olhos o que está presente ao seu redor. Este livro foi utilizado em duas turmas de 5º Ano do Ensino Fundamental -Séries Iniciais.

Primeiramente, o livro chamou a atenção dos alunos devido a suas cores

fortes e ilustrações cativantes. Então, aproveitando a empolgação dos alunos, surgiu a primeira pergunta *“Quem vocês acreditam que seja o Sabix?”*.

As respostas logo surgiram: *“É o menino da cadeira de rodas.”*, ou *“É o menino que está empurrando a cadeira de rodas.”*. E com isso surge a primeira surpresa para os alunos: Sabix é o papagaio que voa sobre os personagens na capa. Após isso, solicitei que os alunos olhassem novamente a capa, mas desta vez com mais atenção e ainda indicando para olharem fixamente para o nome “Sabix”. Acontece que a letra “i” na capa do livro é o desenho de um papagaio indicando quem seria o tal personagem. Depois dessa explicação, os alunos se familiarizaram com os outros personagens, Juninho e Alexandre.

Com essa dinâmica de exploração inicial, reforçamos como é importante explorar a leitura, aspectos verbais e não verbais, mesmo antes da leitura da história. Os estudantes precisam aprender a conhecer e reconhecer o caráter multissemiótico do livro de literatura.

Antes de iniciar a contação da história, uma nova pergunta foi feita aos alunos: O que as palavras respeito e valores significavam para eles?

Como livro aborda a importância dos valores para uma boa convivência na sociedade, seria muito interessante ouvir o conhecimento prévio dos alunos antes de iniciar a história.

De acordo com Lessa (2011), valores são bons princípios que determinam e também elevam o caráter e a personalidade do ser humano. São atitudes como honestidade, amor ao próximo, respeito, paz, cidadania, ética, moral, que permitem que as pessoas possam viver em conjunto numa sociedade democrática.

Já para as crianças, valores resumiam-se apenas em preços destinados a produtos do supermercado, como por exemplo, o valor de uma barra de chocolate. Em princípio, este conhecimento não está errado, mas não se equipara ao que seria falado na contação da história do livro. Desta forma, percebeu-se que as crianças participantes possuem o conhecimento de mundo limitado e/ou suas relações com o mundo a sua volta são limitadas.

E o que significa respeito? Para o autor Júnior (2015), respeito é o sentimento de apreço e consideração pelo outro e é de grande importância para a interação social. Para as crianças, respeito significa apenas a ação de respeitar membros mais velhos da família, professores, mas em momento algum foi falado sobre consideração com os colegas ou situações ao seu redor.

Iniciando a leitura do livro, todos os alunos ficaram atentos para todos os detalhes que eram lidos ou exibidos por meio das ilustrações presentes nas páginas. Por meio dessa viagem literária, os alunos tiveram contato com outros contextos diferentes dos habituais, conhecendo também algo novo como alguns costumes do país Angola.

Durante a leitura, foram realizadas comparações entre os costumes angolanos e brasileiros, em destaque o casamento. Mas, primeiramente, a história quebra esse conhecimento de que a África é apenas um país, pois quando se fala em países africanos, a maioria acredita que todos os países são um só, possuindo as mesmas características e costumes.

Iniciando as comparações sobre o casamento, as crianças disseram seus conhecimentos sobre como ocorre um casamento no Brasil. Para muitos o casamento é apenas o ato de “morar junto” com outra pessoa, mostrando algumas referências de seus próprios contextos familiares, ou o casamento é quando um homem põe um anel no dedo de uma mulher. Já no livro, o casamento angolano, especificamente na cidade de Benguela, envolve três acontecimentos importantes.

1º APRESENTAÇÃO – o noivo apresenta a noiva à sua família dizendo que ela é a mulher da sua vida. Assim que a família a aceita fazem uma festa para acolhê-la.

2º PEDIDO – o noivo e sua família vão até a casa da noiva. Ele se ajoelha diante dela e, com palavras bem bonitas, a pede em casamento. A seguir, pergunta aos pais e aos tios dela o que eles gostariam de receber de presente. A mãe e as tias costumam pedir tecidos; o pai e os tios pedem ternos e calçados ou galões de vinho. Depois as famílias entram em acordo sobre os preparativos do casamento e brindam à felicidade dos noivos.

3º CASAMENTO – antes do casamento, a noiva fica sem ver o noivo por um mês. Nesse tempo, sua mãe lhe ensina a cuidar do marido e da casa, a cozinhar comidas típicas e lhe fala sobre a educação dos filhos. Depois, os noivos vão até uma área livre chamada jango, onde acontecem a cerimônia e a festa de casamento. (JÚNIOR, 2015, p. 13).

É de extrema importância adquirir aprendizados sobre novos costumes e culturas, mesmo que seja por meio da leitura, pois enriquece não só o conhecimento, como também transmite diversidade cultural dentre os vários povos e se aprende a conviver e a respeitar as diferenças, assim, aumentando o desenvolvimento pessoal do ser humano.

Outra parte que tocou os alunos foi o fato de o personagem Juninho demonstrar muito interesse em ser amigo de Alexandre, personagem cadeirante. Durante um diálogo construído com os alunos, percebeu-se que numa das turmas

havia um aluno cadeirante e que não estava em sala, pois tinha suas aulas em outro espaço oferecido pela escola, excluindo-o quase que totalmente de qualquer contato com o meio de interação social.

Pôde-se perceber, claramente, o sentimento de remorso nos alunos que até o momento não fizeram esforços para tentar incluir tal aluno durante as brincadeiras e convivências no contexto escolar. O livro ainda apresenta que uma pessoa cadeirante gosta de fazer as mesmas atividades que uma pessoa sem deficiência. O personagem Alexandre, por exemplo, gosta de jogar videogame, ir ao parque de diversões, cinemas, teatros e etc. Isso fez com que os alunos se interessassem em conhecer o colega, inclui-lo em seus momentos de brincadeiras durante os recreios e, ainda, a discussão fez com que eles olhassem de forma crítica para a estrutura da escola, observando se atendia as necessidades de uma pessoa com deficiência.

Com o término da leitura do livro, retomou-se novamente a pergunta sobre valores e o que para eles a palavra respeito significava, mas dessa vez foi solicitado que os alunos escrevessem o que entendiam sobre os quatro valores apresentados no texto: respeito, cooperação, convivência e aceitação da diversidade.

Para facilitar a leitura das respostas dos alunos, elas serão transcritas neste tópico e inseridas como anexo neste trabalho. Vale dizer que, em respeito ao caráter ético dessa pesquisa, a identidade dos alunos será preservada.

Amostra 1 – Para vocês o que significa respeito, convivência, aceitação da diversidade e cooperação?

Aluno 01: Respeito: O que eu entendo de respeito é saber tratar bem as pessoas com educação independentemente das diferenças; Convivência: Convivência é saber viver em harmonia com as pessoas tendo sempre respeito; Cooperação: É ajudar várias pessoas não só uma tendo consideração pelo próximo; Aceitação da diversidade: É saber aceitar as diferenças das pessoas respeito às origens das pessoas.

Aluno 02: Respeito: É respeitar como as pessoas são; Convivência: É viver com outras pessoas como elas são sejam diferentes ou iguais; Cooperação: É deixar de pensar só em mim e pensar mais nos outros; Aceitação da diversidade: É aceitar

as diferenças dos outros e compreender.

Aluno 03: Respeito: É respeitar ao próximo ter educação com o próximo; Convivência: Conviver com o próximo conviver com as diferenças; Cooperação: Quando eu deixo de pensar em mim e começo a pensar nos outros; Aceitação da diversidade: Aceitar as pessoas como elas são.

Aluno 04: Respeito: É saber tratar pelas diferenças em qualquer lugar. O mundo deveria ter mais respeito para não ter desigualdade; Convivência: É saber viver com muitas pessoas juntas respeitando suas diferenças sejam elas a cor, o cabelo, se ela usa óculos ou não, se ela é inteligente ou não e várias situações; Cooperação: É saber trabalhar em equipe ajudando um ao outro respeitando suas diferenças; Aceitação da Diversidade: É aceitar como o outro é, respeitando as diferenças, ajudando o outro, convivendo, aceitando porque ninguém é igual.

De acordo com Butlen (2015), a literatura sempre foi e continua sendo atravessada pela questão dos valores, tanto em suas formas quanto em seus conteúdos. Desde que surgiram os primeiros textos, a literatura exaltou os modelos humanos e os valores. Diante disso, percebe-se claramente na literatura infantil esse caráter de agradar ou educar moralmente por meio de histórias cômicas ou não, encenando comportamentos de modo que cada um fique comovido e/ou inspirado.

Diante do exposto, por meio da leitura do livro Sabix, houve uma alteração no entendimento moral dos alunos, fazendo-os refletir sobre seus comportamentos durante o dia a dia, excluindo pelo menos uma parte dos pensamentos individualistas e até mesmo preconceituosos presentes até o momento da leitura.

Durante a leitura, os alunos também tiveram a oportunidade desenvolver seus conhecimentos de mundo, desenvolvimento pessoal e também a oportunidade de aumentar o seu conhecimento lexical.

Após os debates, as crianças buscaram os significados das palavras que não conheciam e que foram apresentadas no texto. São elas: antílope, consulado, *funje*, *kizaka*, *kimbo*, *kizomba*, *kuduro*, paralisia infantil, e semba. Além disso, por meio da contação de história, os alunos tiveram contato com outros gêneros textuais, poesia e receita, como mostram as imagens abaixo.

Imagem 2

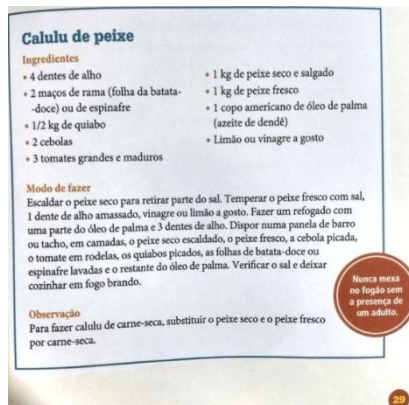
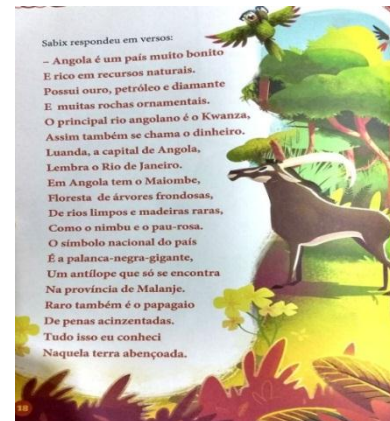


Imagem 3



Fonte das imagens: Livro Sabix: o respeito ao outro

Os alunos tiveram contato com o novo de forma lúdica e prazerosa, sem se sentirem confinados num método com aparência de aula.

De acordo com Abramovich (1989):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo). (ABRAMOVICH, 1989, p.17).

Diante dos fatos apresentados, foi notório que esse contato dos alunos com a literatura infantil funcionou como instrumento para a transformação ética enquanto indivíduos inseridos num contexto social. O livro ajudou a trabalhar temas importantes, como amizade, diversidade cultural, aceitação do diferente e cooperação de forma fácil e participativa. Esse ato de contar histórias permitiu aos alunos elaborarem conceitos sobre o mundo que os cerca, desenvolvendo sua imaginação e interagindo com o que estavam lendo e ouvindo.

Sendo assim, a leitura precisa ser prazerosa e, além disso, os alunos precisam sentir-se acolhidos durante o processo de aprendizagem, sabendo que seus conhecimentos também podem ser usados sempre que acharem necessário.

Ouvir e ler histórias significa mergulhar num mundo encantador, com mistérios e surpresas, dessa forma transformando a leitura de literatura infantil num instrumento essencial para o desenvolvimento intelectual.

7.2 DESCONSTRUINDO PADRÕES SOCIAIS

No livro “Maju não vai à festa”, de Mônica Pimentel, faz-se a abordagem da valorização da própria identidade e também do preconceito. Maju é uma princesa de cabelos cacheados, que certo dia foi convidada para o baile das princesas, mas sob uma condição: Maju deveria se desfazer de seus cachos, pois não havia outras princesas de cabelos cacheados. Então, Maju se recusou a ir à festa, acreditando que não deveria mudar quem ela era para agradar aos outros.

O livro aborda assuntos que são vistos a todo o momento, seja na televisão, escola, livros, revistas e etc. Acontece que os padrões de beleza impostos pelas influências midiáticas ainda fortalecem a existência de estereótipos, ou seja, ideias restritas em relação do que é socialmente aceito como bonito.

Os padrões de beleza sempre estiveram presentes no contexto social, até mesmo antes desse termo existir, e se modificaram com o passar do tempo. Isso pode ser observado nitidamente ao observarmos como eram penteados, roupas, maquiagens que eram utilizadas em épocas passadas.

Além disso, é importante pensar qual é o conceito de “beleza” e, posteriormente, entender que são subjetivos e que variam de pessoa para pessoa, da mesma forma que podem variar em diferentes culturas. Impor à sociedade de que apenas um padrão é aceitável pode gerar sentimentos de desprezo e preconceito a todas as representações de beleza que não se encaixam no que foi escolhido como belo.

Sendo assim, o livro “Maju não vai à festa” surge de forma significativa como um recurso a fim de desconstruir o pensamento existente sobre padrões de beleza e, conseqüentemente, quebrar os estereótipos construídos por meio desses pensamentos, apresentando o diferente como algo maravilhoso.

Esse livro foi apresentado a duas turmas de 4º Anos do Ensino Fundamental- Anos Iniciais- também de forma oral em roda de conversa, buscando sempre a interação dos alunos.

Imagem 4



Fonte da imagem: Blog Educação e Transformação

Antes de iniciar a leitura, fez-se primeiro uma análise sobre o título do livro, instigando os alunos a pensarem sobre o porquê de Maju não ir à tal festa. As respostas foram: “*porque ela não foi convidada*”; “*porque os pais não deixaram*”; “*porque ela é uma criança e não deveria sair de casa à noite*”. Depois das repostas, os alunos conheceram de fato quem era a Maju, mencionada no título do livro.

Maju é uma princesa, filha da noite com o luar e que tem os cabelos cacheados que vão até a altura do ombro. Após isso, foi mostrado aos alunos as ilustrações (imagens 5 e 6) as quais mostravam a personagem.

Imagem 5



Imagem 6



Fonte das imagens: Livro Maju não vai à festa

Para a surpresa dos alunos, Maju é uma princesa negra e totalmente fora dos

padrões do que para eles seria uma princesa. Com o período “Disney” da literatura infantil, várias histórias são apresentadas às crianças e quase sempre seguindo os mesmos padrões de beleza: princesas brancas, loiras, do cabelo liso.

Com isso, várias frases foram ditas pelos alunos de maneira preconceituosa, como: “*Meu Deus! Que cabelo feio*”; “*Ela não pode ser princesa com esse cabelo bagunçado*”; “*Eu não queria ser uma princesa assim*”. Isso fez com refletisse uma frase de Nelson Mandela (1918-2013), “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

Como mencionado anteriormente, as crianças também aprendem por imitações dos adultos que estão a sua volta, isso fez não só entender, como também perceber que existem preconceitos enraizados tanto no contexto familiar quanto no contexto escolar.

Continuando com a leitura do livro, Maju tinha uma amiga chamada Clarice (imagem 7) que é filha das manhãs com o sol. Quando Clarice foi apresentada, automaticamente caiu no gosto da turma, pois se tratava de uma princesa dos cabelos loiros e lisos: “*Agora sim! Isso é uma princesa*”; “*Nossa! Ela é linda*”. Dessa forma, é notório que os padrões de beleza influenciam no comportamento das crianças no processo de aceitação do outro. Outrossim, por não terem muitas referências de princesas negras e de cabelos cacheados, as próprias alunas com essas características identificavam-se mais com a Clarice do que com a Maju.

Imagem 7



Fonte da imagem: Livro Maju não vai à festa

Chegando ao ápice da leitura, os alunos perceberam que o belo vai além da beleza exterior. Clarice havia convidado Maju para ir ao um baile de princesas que aconteceria em seu castelo, mas para Maju, participar do baile significava se desfazer dos seus cachos, pois, para Clarice, todas as princesas deveriam ter cabelos lisos.

Neste momento, a leitura foi interrompida pelo motivo de todos os alunos estarem indignados com a ação de Clarice. Para eles, as pessoas não deveriam mudar quem são para agradar outras pessoas. Após acalmá-los, houve um momento de reflexão comparando a fala deles no momento que foi mostrada a imagem das princesas com a fala de Clarice. Durante essa reflexão, percebeu-se claramente o arrependimento dos alunos pelo que haviam dito.

Durante as aulas de Literatura Infanto-juvenil, aprendeu-se que uma das características dessa literatura é fomentar a transformação do conhecimento, apresentando comoção pelas ações do outro e o livro da princesa Maju faz isso claramente, mostrando as reflexões e comparações entre os comportamentos das personagens com o comportamento dos alunos.

Outro ponto de vista muito interessante abordado no livro é a própria autoaceitação de Maju. Até os dias atuais, muitas pessoas acreditam que cabelo bonito é o cabelo liso. Porém, esse pensamento vem se modificando com as tentativas de desconstrução de estereótipos. Na obra em questão, isso é exposto com muita sabedoria a partir do momento que é dado voz a uma personagem negra, a qual demonstra sua autoestima, podendo ser notado no trecho das últimas páginas do livro.

Ela descobriu que seus cachos eram lindos. Escorregavam da cabeça até os ombros. [...] por isso Maju não foi à festa. Vestiu sua roupa mais bela. Entrou em seu lindo jardim. Os pássaros trouxeram flores caídas do chão. Enfeitaram os cabelos de Maju ao som de uma linda canção! Maju dançou, dançou e depois adormeceu feliz! Ela virou um livro com princesas de todas as cores. Cabelos de todas as formas. Do jeitinho que sempre quis... (PIMENTEL, 2016, p. 18, 21)

O objetivo de apresentar essa história foi para que os alunos tivessem contato com a leitura que fuja dos padrões, pois, de acordo com Pimentel (2016), os livros dizem que não existem princesas de cabelos cacheados, e esse fato reflete no conhecimento dos alunos que conheciam apenas uma princesa fora dos padrões, a Princesa Mérida, do filme Valente.

Imagem 8



Fonte da imagem: FastCompany

Depois da leitura, os alunos tiveram a oportunidade de se transformar na princesa Clarice, a fim de mudar a fala da princesa quando convidou a Maju para o baile de princesas. Também é válido dizer que por meio dessa leitura os alunos também tiveram contato com o gênero convite.

Para que os alunos pudessem escrever seus pensamentos, foi entregue um desenho em preto e branco que retrata o momento da cena em que Maju é convidada para ir à festa. O desenho também deveria ser colorido pelos alunos da melhor forma que acreditassem que seria o belo.

Imagem 8



Página em preto e branco do livro Maju não vai à festa

A atividade de colorir surgiu com um propósito, o de desconstruir o conhecimento sobre o tão famoso “lápis cor de pele”. Antes de iniciar a pintura, houve uma investigação sobre o conhecimento das cores, momento de fazer um paralelo com a cor da pele das pessoas.

Geralmente, as caixas de lápis de cor vêm acompanhadas com doze cores diferentes contendo alguns lápis azuis, rosa, roxos, verdes e etc. Porém, acontece uma confusão quando nos referimos ao “lápis cor de pele” (imagem 9). Durante esse processo de desconstrução, perguntei aos alunos se todas as pessoas possuíam a mesma cor e, claramente a resposta foi “*nnãããã*”. Então perguntei novamente: Se as pessoas possuem cores diferentes, por que existe apenas um lápis cor de pele?

Imagem 9



Fonte da imagem: Somos Negras

Nesse momento, foi o mesmo que ver várias lâmpadas acendendo em cima da cabeça dos pequenos. As crianças entenderam que existe preconceito até mesmo nessa divisão das cores de seus materiais. Após isso, foram ensinadas algumas formas de chamarem o tal lápis, como: rosa salmão, bege e nude. Dessa forma, houve uma quebra em relação ao tratamento especial que era direcionado apenas para essa cor.

É notório o quanto as crianças se adaptam ao novo de maneira mais rápida que os adultos. Durante o momento da pintura, os alunos solicitaram lápis emprestado do material dos colegas de sala e quando alguém pronunciava “*me empresta o lápis cor de pele*” a turma quase por inteiro pronunciava “*não é lápis cor de pele*”, ou alguns colegas perguntavam “*cor da pele de quem? Da Maju? Da Clarice?*”

Já na parte de reinventar a forma que Clarice convidou a Maju para o baile de princesas, os alunos preferiram se dividir em grupos e elaboraram novas frases a partir do conhecimento adquirido durante a leitura. Todas as frases, mesmo que não seja um convite, mostram o quanto o livro foi importante para trabalhar tanto a aceitação do outro quanto a autoaceitação. Abaixo, será exibida uma amostra dos desenhos que foram coloridos por alguns alunos onde também escreveram suas frases. As identidades dos estudantes participantes não serão apresentadas. As atividades compõem os anexos desta pesquisa.

AMOSTRA 2 – REINVENTANDO A CENA

Aluno 05



Aluno 06



Aluno 07



Aluno 08



Aluno 09



Os assuntos trabalhados no livro com os alunos possuem extrema importância de serem mais abordados no contexto escolar. A escola trabalha assuntos como a identidade racial e a aceitação da diversidade apenas em datas comemorativas, chamadas de “Dia D”, dia do índio, dia da abolição da escravidão, dia da consciência negra e etc.

Ainda no contexto escolar, assim como Maju, muitas crianças são vítimas de preconceito e por isso torna-se importante trabalhar essa temática em sala de aula frequentemente. A Lei nº 13.663, que entrou em vigor em maio de 2018, inclui entre as atribuições da escola a promoção da cultura da paz e de conscientização, prevenção a diversos tipos de violência. Sendo assim, lutar contra o preconceito é uma das obrigações legais da escola e o livro “Maju não vai a festa” contribui com a complementação desse trabalho por meio da literatura.

7.3 INCLUSÃO DA CRIANÇA NAS POLÍTICAS PÚBLICAS

O livro “Carta à prefeita” (Imagem 10), de Fernando Carraro, aborda o tema da Campanha da Fraternidade de 2019, que é “Fraternidade e políticas públicas”. No livro, estudantes de 10 anos são personagens principais de mudanças significativas para cidade em que moram. Com a orientação de sua professora, Juninho e seus colegas elaboram propostas que poderiam melhorar a cidade e a própria escola. Além do conceito de políticas públicas, o livro aborda outros temas, tais como: participação política, função do prefeito e dos vereadores, educação para a cidadania e comprometimento social.

Imagem 10



Fonte da imagem: FTD

A Campanha da Fraternidade (CF), de acordo com o site da CNBB, é uma campanha anual realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com o objetivo de despertar não apenas nos fiéis, mas também em toda a sociedade a solidariedade em referência a um problema sólido que envolve a população brasileira, desta forma buscando caminhos de solução.

No ano de 2019, a Campanha da Fraternidade tem como tema “Fraternidade e Políticas Públicas” e, de acordo com o texto-base da CF 2019, tem como objetivo estimular a participação social em Políticas Públicas (PP). Assim, despertando o interesse social em conhecer como são formulados os projetos de políticas públicas, fazendo com que a população exija ética na formulação e concretização das PP e incentivando a participação de todo cidadão na construção dessas políticas.

A obra de Carraro (2018) faz um paralelo entre a história apresentada no livro com a Campanha da Fraternidade 2019, assim trabalhando a inclusão das crianças no processo de criação de políticas públicas. A leitura desse livro foi realizada em duas turmas de 5º Anos do Ensino Fundamental- Anos Iniciais.

No primeiro momento, antes de iniciar a leitura, fez-se juntamente com os alunos uma análise sobre a capa do livro, assim, instigando a curiosidade das crianças para que apresentassem palpites sobre o que eles achavam que os personagens haviam escrito para a prefeita.

Depois, foi perguntado se as crianças sabiam quem é o prefeito ou a prefeita da cidade de Palmas-TO. Essa pergunta parece “boba”, pois se espera que todos saibam o nome da pessoa responsável pelo cargo de prefeito da cidade onde mora. Mas, através dessa pergunta, notou-se, novamente, o conhecimento limitado das crianças sobre o mundo que as cerca, pois para muitos o prefeito de Palmas seria o atual Presidente da República, Jair Bolsonaro. Após as respostas dos alunos, foi explicado que em Palmas a prefeita se chama Cinthia Ribeiro.

Iniciando a contação da história, conhecemos o personagem Juninho, que estava indo para escola numa segunda-feira chuvosa. Quando estava passando pelo portão casa, sua mãe o orientou para que antes de atravessar a rua, era importante olhar para os dois lados e não apenas para as cores do semáforo.

Juninho não entedia o motivo dessa fala, pois o semáforo servia justamente para orientar a travessia. Todavia, por causa da chuva, o semáforo estava desligado e foi quando passou a entender a fala de sua mãe. Chegando à escola, a professora apresenta o tema da aula, que iria falar justamente sobre políticas públicas.

Mas afinal, o que são políticas públicas? De acordo com Andrade (2016), políticas públicas são conjuntos de programas, ações e decisões tomadas pelos governos (nacionais, estaduais ou municipais) com a participação, direta ou indireta, de entes públicos ou privados, que visam assegurar determinado direito de cidadania para vários grupos da sociedade ou para determinado segmento social, cultural, étnico ou econômico. Ou seja, correspondem a direitos assegurados na Constituição.

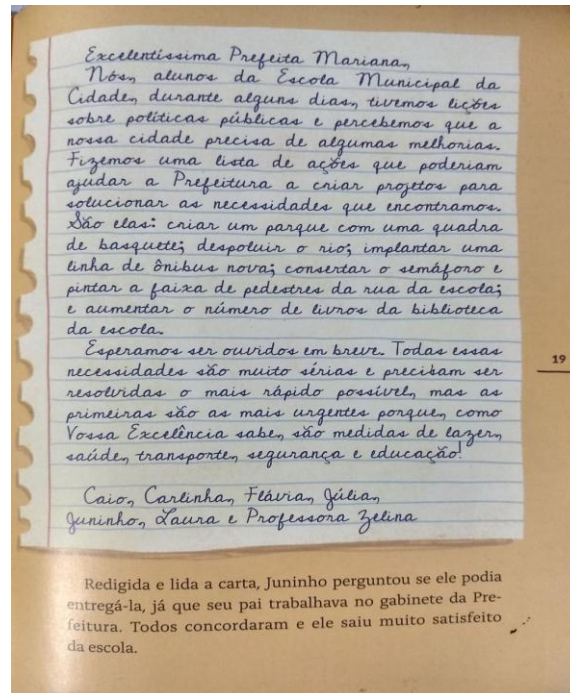
Retomando a leitura, Juninho, juntamente com os seus colegas e sua professora, elaboraram um projeto de políticas públicas levantando as necessidades da população e pensando em atendê-las de acordo com a sua importância. A professora de Juninho parabenizou os alunos e disse que pensaram como verdadeiros vereadores.

Neste momento, houve uma pausa na leitura para explicar as diferenças entre os vereadores e prefeitos. De acordo com Carraro (2018), os vereadores são aqueles que criam as leis e os projetos para as cidades, avaliando as necessidades da população para criar os projetos de lei, enquanto os prefeitos são responsáveis por executar esses projetos, fazendo com que a cidade funcione e que todos os moradores estejam satisfeitos.

De volta à leitura, vimos que a professora de Juninho passou uma atividade em que os alunos deveriam escrever uma carta para a prefeita da cidade Mariana, explicando que essa carta era um pedido para as autoridades capazes de solucionar os problemas. Sendo assim, cada aluno deveria fazer suas anotações e, no final, todas seriam reunidas numa única carta (imagem 11) que seria assinada pelos alunos.

A carta foi enviada à prefeitura da cidade e posteriormente respondida. A prefeita da cidade organizou o Primeiro Concurso Infantil de Implementação Política e nele as crianças puderam inscrever seus projetos para serem enviados a Câmara dos Vereadores do município. Os vereadores escolheram os três projetos mais importantes que seriam realizados pela Prefeitura.

Imagem 11



Página do livro Carta à prefeita

O concurso aconteceu no dia do aniversário da cidade e toda a população estava lá para saber quais projetos haviam sido selecionados pelos vereadores. Em terceiro lugar, ficou a personagem Júlia, com a proposta de uma nova linha de ônibus (medida de transporte); em segundo lugar, ficou o personagem Caio, com a proposta da construção de um parque com quadra de basquete para todos os moradores (lazer); e, em primeiro lugar, Juninho, com a proposta de melhoria na biblioteca de sua escola (educação).

Com o final da leitura, o livro despertou um olhar crítico das crianças e que automaticamente passaram a observar situações que poderiam ser melhoradas dentro e fora da escola. Aproveitando a empolgação dos alunos, foi solicitado que eles anotassem o que queriam de melhoria dentro e fora do âmbito escolar.

A leitura desse livro se fez necessária justamente por inserir crianças de 10 anos como peças fundamentais para mudanças significativas na cidade em que moram, mostrando que as ideias das crianças também têm valor e que podem ser significativas para a solução de problemas no contexto político-social. Ademais, os alunos participantes também tiveram a oportunidade de conhecer outro gênero textual, a carta.

A partir disso, assim como no livro, foi solicitado aos alunos que elaborassem

uma carta que seria destinada à prefeitura de Palmas-TO, solicitando possíveis melhorias para a cidade. Na amostra a seguir, estão algumas cartas produzidas pelos alunos.

AMOSTRA 3 – CARTA À PREFEITA

Aluno 10

Palmas-TO 19/11/2019

Excelentíssimo Prefeita

Eu sou _____, aluno da Escola Municipal _____

Gostaria de pedir que aumente os livros da biblioteca, e melhorar a sinalização no trânsito e pedir que a prefeitura faça asfalto nas ruas comunitárias e melhorar o lanche da escola, gostaria que tivesse mais professores na escola.

Respeitosamente

Aluno 11

Palmas-TO, 19/11/2019

Excelentíssima Prefeita

Eu sou _____, da Escola Municipal _____

Gostaria de pedir que todas as ruas tivessem pavimentação asfáltica, e que o transporte melhorasse e que tivesse mais segurança, quanto mais a noite quanto o dia, e que tivesse mais educação nas escolas, que tivesse mais materiais e livros, e saúde que tivesse mais posto de saúde e hospitais.

Aluno 12

Palmas - TO 19/11/2019

Excentíssimo Prefeita

Eu sou a aluna da escola Municipal

Gostaria de pedir que reformarem a praça das bolas localizada na quadra 1266 sul, também queria pedir que colocassem mais policiamento na minha quadra pois as vezes de madrugada de manhã cedo colocam umas músicas muito altas e por segurarmos.

Gostaria de pedir mais faixas de pedestres porque muitas faixas estão apagadas e não tem em muitos lugares e sobre a praça que eu quero reformar é porque o parquinho da praça tem seis lugares de colocar balanço mais só um balanço que tem a cadeirinha praça está muito sem segurança pois eu me lembro sou a vítima e testemunha uma rede de ferro caiu em cima de mim e o menino que segurava o parquinho estava quebrado e me cortou no rosto fui para no hospital levei doze ou treze pontos.

Aluno 13

Palmas - TO 19/11/2019

Excentíssimo Prefeita

Eu sou aluna da escola municipal

Gostaria de pedir:

que pintem e faixas de pedestres de vários pontos onde os carros não tem respeito e assim em cima do faixas de pedestres os carros atravessam as ruas. também pedir para fazer mais rampas para pessoas com deficiência conseguirem passar. também para aumentar as segundas dos semáforos para as idosas conseguirem atravessar as ruas. também para aderir o liti para fazer o estacionamento da residencial lulam.

Atenciosamente

FORONI

Aluno 14

Palmas, To 28 de Novembro de 2019

♥ Excelentíssima prefeita Cinthia

Meu Nome é:

Sou aluna da Escola Municipal

Gostaria de pedir emprego aos deficientes,
e mais Hospitais para os doentes, transporte para as
pessoas que estudam longe e para quem trabalha
longe e que comecem as ruas e o trânsito

Ateenciosamente

Aluno 15

Palmas-TO, 28 de novembro de 2019

Excelentíssima Prefeita Cinthia Ribeiro,

Meu nome é: _____, sou aluna
da Escola Municipal

Gostaria de pedir melhorias nos Hospitais
e nos postos de saúde, conserto dos equipamentos
nas praças e melhorias nos pontos de ônibus.
Gostaria de pedir também que asfaltasse as ruas
de terra e limpas as ruas nas ruas e
ruas das faixas de pedestre.

Ateenciosamente:

Para Bettelheim (1980), a criança desenvolve por meio da literatura o potencial crítico e reflexivo, afirmando que a partir do contato literário de qualidade, a criança é capaz de refletir, indagar, questionar, escutar outras opiniões, articular e reformular seu pensamento.

Através do contato com o livro Carta à prefeita, pode-se observar que muitos alunos modificaram o seu modo de pensar, passando a adquirir mais confiança e sentiram-se capazes para elaborar soluções para problemas presentes em seus contextos sociais.

7.4 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR COMO MEDIADOR ATIVO NA PRÁTICA DE LEITURA DE LITERATURA INFANTIL

É perceptível o quanto a leitura é importante quando se vive numa sociedade letrada. A leitura de cartazes, revistas, placas e panfletos possui influência significativa no que se refere à comunicação e compreensão do mundo escolar, familiar ou social.

Contudo, segundo Colomer (2002), os indivíduos que não dominam a prática da leitura consciente e significativa não são capazes de se comunicarem dentro da sociedade. Dentro do âmbito escolar, quase sempre, os trabalhos com a leitura são totalmente massivos, tediosos e não somam em nada na formação do aluno como indivíduo presente no contexto social. Isso pode ser afirmado seguindo a reflexão de Foucambert (1994).

A escola, em consonância com a sociedade, atribui à criança o estatuto de tutelado, de irresponsável. É claro que, para aprender a falar, ela deve falar; mas o que diz não tem importância. Para aprender a escrever, deve escrever; mas o que escreve não serve para nada. Suas produções serão vistas com simpatia, como garantia de sua futura eficácia e como incentivo para que prossiga; basicamente, porém, o que ela produz não pode mudar nada no presente – o que é normal, pois são produções de alguém que ainda não age, por estar aprendendo a agir. (FOUCAMBERT, 1994, p. 100)

Sendo assim, o professor é apresentado, quase sempre, como exemplo aos alunos e, por isso, precisa apresentar gosto pela leitura, demonstrando o prazer em comunicar-se por meio dos textos. Desta forma, durante essa pesquisa, buscou-se saber o modo e frequência que as professoras das turmas participantes trabalhavam com a leitura de livros literários e, posteriormente, como era a aceitação dos alunos em relação ao trabalho com a literatura.

Para isso, foi aplicado a cada uma um questionário *online* via plataforma Google composto por quatro perguntas, de forma que as respostas fossem dadas de maneira ampla, visando a qualidade das concepções das professoras envolvidas na pesquisa. Para facilitar a leitura das respostas, serão utilizadas as sequências enunciativas Q (questionário), P (professora) e R (resposta).

AMOSTRA 4 - QUESTIONÁRIO

Inicialmente, a primeira pergunta buscou saber com que frequência as professoras utilizavam recursos literários em suas aulas. Essa pergunta se faz necessária, pois através da leitura de obras literárias, o leitor está em intertextualização entre o que é lido com o mundo e suas peculiaridades.

Q: Com que frequência você utiliza recursos literários em suas aulas?

R P1: Três vezes por semana.

R P2: Semanalmente faço aula de leitura com os alunos utilizando os títulos disponíveis na biblioteca. Penso que é importante para desenvolver o hábito da leitura e também o gosto de ler sempre.

Neste caso, temos duas professoras ativas no processo de leitura, selecionando obras que não serão lidas apenas para ler por ler, mas assumindo o caráter de mediador facilitador, promovendo oportunidade de leitura com os alunos e transformando o conteúdo a ser ensinado em atividades significativas para eles.

Seguindo com o questionário, buscou-se entender o modo que os textos literários eram trabalhados em suas aulas. Desta vez, procurou-se entender se a leitura acontecia por prazer, fruição, ou se estava associada a métodos avaliativos.

Q: Explique um pouco sobre a forma que você trabalha com textos literários em suas aulas.

R P1: Leitura individual pelos alunos e outras vezes pelo professor.

R P2: Faço estudo de uma obra única com exemplares para a turma toda ler, interpretar e fazer o resumo da história do livro. Também faço leitura e interpretação de outros textos, além dos textos existentes no livro didático.

Por meio dessas respostas, percebeu-se uma grande dificuldade de separar a leitura de literatura do método avaliativo definindo o aluno por nota. Neste caso, retomando o pensamento de Abramovich (1989), a leitura de literatura perdeu seu caráter artístico e passou a ser didática, que é um departamento que não se preocupa em abrir as portas da compreensão do mundo. Mesmo assim, um ponto positivo deve ser observado, pois é notório que as duas professoras buscam a interação e

participação dos alunos e, dessa forma, promovem alunos oportunidades de interpretar e intertextualizar o que está sendo lido.

Desta forma, para realizar uma leitura eficaz com os alunos, é necessário que o professor tenha finalidades e objetivos no momento de apresentar propostas de leitura e escrita. De acordo com Solé (1998):

A interpretação que nós, leitores, realizamos dos textos que lemos depende, em grande parte, do objetivo da nossa leitura. Isto é, ainda que o conteúdo de um texto permaneça invariável, é possível que dois leitores com finalidades diferentes extraiam informação distinta do mesmo. Assim, os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar a criança a ler e a compreender. (SOLÉ, 1998, p.22)

Durante a leitura das obras selecionadas para esse trabalho, percebeu-se o quanto as turmas gostam de ter o contato com o novo e também o quanto gostam de atividades que fujam dessa característica de aula avaliativa. Por isso, questionou-se como era a aceitação dos estudantes durante as aulas de leitura.

Q: Como é a aceitação dos estudantes durante as aulas com literatura?

R P1: Boa. Eles gostam de leitura.

R P2: Boa, pois existem aqueles que ainda não desenvolveram o hábito da leitura e até mesmo demonstram dificuldades no entendimento do que lê.

Para Smith (1999):

A leitura não pode ser ensinada, mas, apesar disso, os professores e outros adultos têm um papel decisivo a desempenhar e é deles a grande responsabilidade de tornar possível a aprendizagem da leitura. (SMITH, 1999, p.15)

Seguindo o pensamento de Smith, o professor não pode ensinar a leitura, mas pode ser peça fundamental para despertar no aluno o interesse de reconhecimento dessa habilidade como instrumento significativo para sua vida.

Por fim, a última pergunta do questionário buscou saber o ponto de vista das professoras sobre o trabalho com as obras mencionadas nesse trabalho, se para elas, de alguma forma, a leitura desses livros influenciou no pensamento crítico dos alunos participantes.

Q: Você acredita que de alguma forma os livros utilizados nesse projeto influenciaram

ou influenciarão no desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos participantes?

R P1: Certamente sim. A leitura os levou a refletir sobre o racismo.

R P2: Sim, acredito que os resultados do processo ensino aprendizagem são colhidos a curto e longo prazo, ficou uma sementinha que germinará em breve.

A partir dessas repostas, pode-se dizer que quando o professor trabalha a leitura de literatura infantil de forma correta, efetiva, com propósitos bem definidos, consegue despertar curiosidade para a sabedoria, para outras leituras, potencializando transformações de realidades.

Em síntese, conclui-se que o professor é essencial na formação de um leitor competente, assumindo o papel de mediador facilitador, a fim de se autorresponsabilizar por incentivar nos alunos o desejo de aprender e de conhecer o mundo através da literatura.

CONSIDERAÇÕES

O presente trabalho tem como foco analisar a literatura infantil como instrumento para o processo de desenvolvimento crítico infantil, objetivando compreender as influências dos textos lúdico-literários no processo de letramento.

Ponderou-se que a literatura infantil possui um papel importante no processo de aprendizagem, pois através das emoções e sentimentos permite ao leitor a revelação da realidade permitindo interpretar o mundo o cerca. Para Zilberman:

É essa possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferta à educação. Aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, que aponta a um conhecimento de mundo, e não como súdita do ensino bem comportado, ela se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional. (ZILBERMAN, 2003, p.30)

A partir do que foi apresentado, conclui-se a relevância de ter a literatura infantil presente no âmbito escolar, pois, por meio dessa associação entre o real e o imaginário, a criança cria soluções para as várias situações em seu contexto cotidiano.

Contudo, precisa-se de reformulação na forma com que os livros são utilizados nas salas de aula, o ato de diminuir o caráter da literatura infantil transformando-a apenas em uso de passatempo ou como método de punição, acaba interferindo em seu real valor artístico e formativo. Seguindo o pensamento de Coelho (1993), as

obras voltadas para o público infantil devem ter qualidade literária, sem, no entanto, desconsiderar o caráter pedagógico que podem oferecer. O ideal é o conhecimento do mediador/professor para a adequação da leitura ao estágio psicológico da criança, de maneira que a literatura seja um misto de entretenimento e oportunidade para vivências de experiências.

O grande desafio do professor é trabalhar literatura na escola de forma adequada, isto é, sem tornar a leitura uma obrigação tediosa, de simples verificação de conteúdos posteriores, uma vez que a leitura por prazer é livre, não tem prazo nem checagens ao final dela. A escolarização da leitura literária traz obrigações para o que deveria ser prazeroso e divertido.

[...] não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que, em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura [...] (SOLÉ, 1998, p.43)

De acordo com Soares (2011), a leitura de um livro não deve perder seu caráter prazeroso para ser mascarado em métodos avaliativos os quais obrigam a leitura tirando todo o seu caráter lúdico e construtivo.

[...] jamais a leitura de livros no contexto escolar, seja ela imposta ou solicitada ou sugerida pelo professor, seja o livro a ser lido indicado pelo professor ou escolhido pelo aluno, jamais ela será aquele “ler para ler” que caracteriza essencialmente a leitura por lazer, por prazer, que se faz fora das paredes da escola, se quer fazer e quando se quer fazer. (SOARES, 2011, p. 24)

Como mencionado anteriormente, é inevitável a presença da literatura no contexto escolar, mas o que pode ser feito, segundo Soares (2011), é uma distinção entre uma escolarização adequada, que conduz de forma eficaz às práticas de leitura que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal leitor que se quer formar, e a escolarização inadequada, que é aquela que antes afasta e desenvolve resistência ou aversão à cultura.

Ler é o meio de transporte que nos leva a outras realidades, que vão muito além do mundo físico tal qual o conhecemos. É um mergulho no mundo ficcional que conduz o leitor às mais incríveis situações, permitindo-lhe partilhar as aventuras vividas por seus personagens, às vezes heróis fantásticos, como todas as pessoas gostariam de ser, às vezes absolutamente comuns, como qualquer ser humano.

As possibilidades são infinitas e, quanto mais o leitor embarca nesses mundos

fictícios, mais se aproxima da compreensão do mundo real. Sendo assim, está em nossas mãos ativar o interesse das crianças pela leitura, pois esse é um instrumento indispensável para a aquisição do conhecimento e para o desenvolvimento de capacidades e habilidades fundamentais para a construção de valores e de senso crítico, ambos essenciais ao pleno exercício da cidadania.

Este trabalho se torna relevante por abordar uma temática pouco valorizada, seja no contexto social, profissional e acadêmico. Acredita-se que uma literatura não anula a outra e que a valorização da literatura infantil deve surgir inicialmente no momento da formação profissional, pois esta ramificação da literatura acaba possuindo caráter de menor qualidade que as demais.

Por fim, esta pesquisa não pretende ser conclusiva e absoluta. Muito pelo contrário, percebe-se uma grande necessidade de aprofundamento em tais situações abordadas. Espera-se também que essa pesquisa possa ter ajudado na compreensão e reflexão perante práticas de uso que centralizam a literatura infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 05, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dez. 2009. Seção 1, p.18.

_____. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Versão final. Brasília: MEC/SEB, 2017.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2013.

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Sipione, 1989.

BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas. Tradução de Arlene Caetano. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Blog Educação e Transformação. ATIVIDADES do livro Maju não vai à festa., 14 nov. 2018. Disponível em: <https://educacaoetransformacaooficial.blogspot.com/2018/11/atividades-do-livro-maju-nao-vai-festa.html>. Acesso em: 7 dez. 2019.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. Sabix: o respeito ao outro. 1. Ed. São Paulo: FTD, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental (SEF). Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUTLEN, M. La réaction morale face à la littérature de jeunesse. Les Cahiers Robinson, edição especial do colóquio de Cerisy-la-Salle, França: Artois Presses Université, n. 38, 2015.

CADEMARTORI, L. O que é literatura infantil. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARRARO, Fernando. Carta à prefeita. 1. ed. São Paulo: FTD, 2018.

CARVALHO, Alexandre. Educação e Literatura: Literatura infantil, revisitando suas origens. Paulus, 4 maio 2015. Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/colunista/alexandre-carvalho/literatura-infantil-revisitando-suas-origens.html#.XfllXJNKjIU>. Acesso em: 4 dez. 2019.

CNBB (DF). Campanha da Fraternidade. CNBB lança Campanha da Fraternidade 2019 em Brasília (DF). CNBB, 4 mar. 2019. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-lanca-campanha-da-fraternidade-2019-em-brasilia-df/>. Acesso em: 5 dez. 2019.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Ática, 1993.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. Ensinar a ler, ensinar a compreender. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CRAIDY, Carmem.; KAERCHER, Gládis E. P. da S. (Org.). Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, M. A. A. Como ensinar Literatura Infantil. 3. ed. São Paulo: Discubra, 1974.

FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. A literatura nas séries iniciais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FURTADO, Thais. Lápis cor de Pele. Somos Negras, 23 fev. 2016. Disponível em: <https://somosnegras.tumblr.com/post/139856345927/ouvi-durante-toda-a-inf%C3%A2ncia-o-l%C3%A1pis-cor>. Acesso em: 7 dez. 2019.

GROSE, Jessica. Como você resolve um problema como Merida? Disney provoca indignação ao dar azar ao herói "corajoso". Fast Company, 15 maio 2013. Disponível em: <https://www.fastcompany.com/1682970/how-do-you-solve-a-problem-like-merida-disney-provokes-outrage-by-tarting-up-brave-hero>. Acesso em: 7 dez. 2019.

JOLIBERT, Josette. Formando crianças leitoras. vol. 1. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LEAL, T.; ALBUQUERQUE, E. B.; MORAIS, A. G. Letramento e Alfabetização: pensando a prática pedagógica. In: Brasil. Secretaria de Educação Básica. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2ª Ed. Brasília, 2007.

MORIC, R. O livro como meio de informação. Informe 4, 22 outubro de 1974- Secção Tcheca do IBBY.

PAULINO, Graças. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (Orgs.). Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: Ceale/Autentica, 2005. P. 55-68

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Consideração intempestiva sobre o ensino da literatura: Inútil poesia e outros ensaios breves. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PIMENTEL, M. Maju não vai à festa. 1 ed. 2016. Disponível em: <https://baudesophia.files.wordpress.com/2016/07/maju-19x19.pdf> Aceso em 29/11/2019.

SANTOS, Fabio Cardoso dos. Alfabetizar letrando com a literatura infantil/ Fábio Cardoso dos Santos, Fabiano Moraes. – 1ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

SMITH, Frank. Leitura significativa. Trad. REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM v. 2 - n. 2 - jul/dez - 2009 www.univem.edu.br 149 UNIVEM Centro Universitário Eurípides de Marília Beatriz Affonso Neves. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

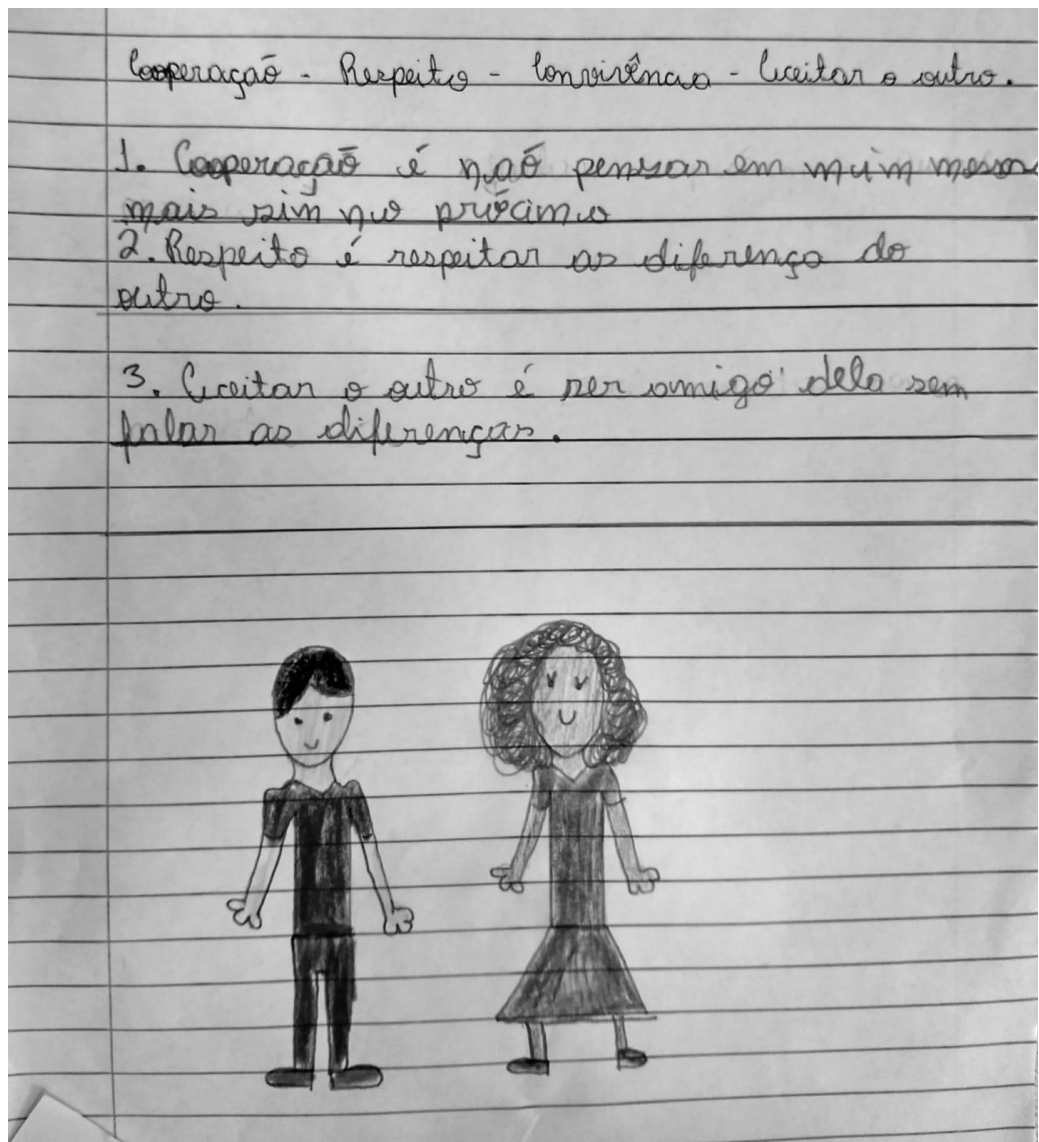
SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SODRÉ, Muniz. Best-seller: a literatura de mercado. São Paulo: Ática, 1985.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6ª ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

VARGAS, Suzana. Leitura: uma aprendizagem de prazer. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1983.

Anexo I**(Atividade – Sabix: o respeito ao outro)**

Cooperação - Respeito - Convivência - Aceitação do outro.

1. Cooperação é parar de pensar em si mesmo e pensar nos que estão a sua volta.
2. Respeito é ajudar os outros que precisam de ajuda e não magoar com palavras agressivas e rultis e dando atenção.
3. Convivência é ~~conviver~~ conviver com outras pessoas e maneiras.
4. Aceitação dos outros é aceitar os outros da forma que seja diferente, negro, rico, pobre, bonito ou inteligente isso é aceitação do outro.

Cooperação: Quando eu deixo de pensar em mim e começo a pensar nos outros. ♥

Respeito: Respeitar as próximas ter educação com o próximo. ♥

Convivência: Conviver com o próximo convivendo com as diferenças. ♥

Aceitação do outro: Aceitar as pessoas como elas são. ♥

Coerção - É deixar de pensar só em mim e pensar mais nos outros.

Respeito - É respeitar como as pessoas são e aceitar das coisas bonas e ruins.

Convivência - É viver com outras pessoas como elas são diferentes ou iguais.

Aceitação do outro - É aceitar as diferenças dos outros e compreendê-las.

Respeito

É saber tratar pelas diferenças em qualquer lugar devemos respeitar. O mundo deveria ter mais respeito para não ter desigualdade.

Consciência

É saber viver com muitas pessoas juntas respeitando as diferenças seja elas a cor, o cabelo, se ela usa óculos ou não, se ela é inteligente ou não e várias situações.

Cooperação

É saber trabalhar em equipe ajudando um ao outro respeitando as diferenças.

Criação da diversidade

É aceitar como o outro é, respeitando as diferenças, ajudando o outro, compreendendo, aceitando porque ninguém é igual.

Respeito

O que eu entendo de respeito é saber tratar bem as pessoas com educação independente das diferenças

Convivência

Convivência é saber viver em harmonia com as pessoas tendo sempre o respeito

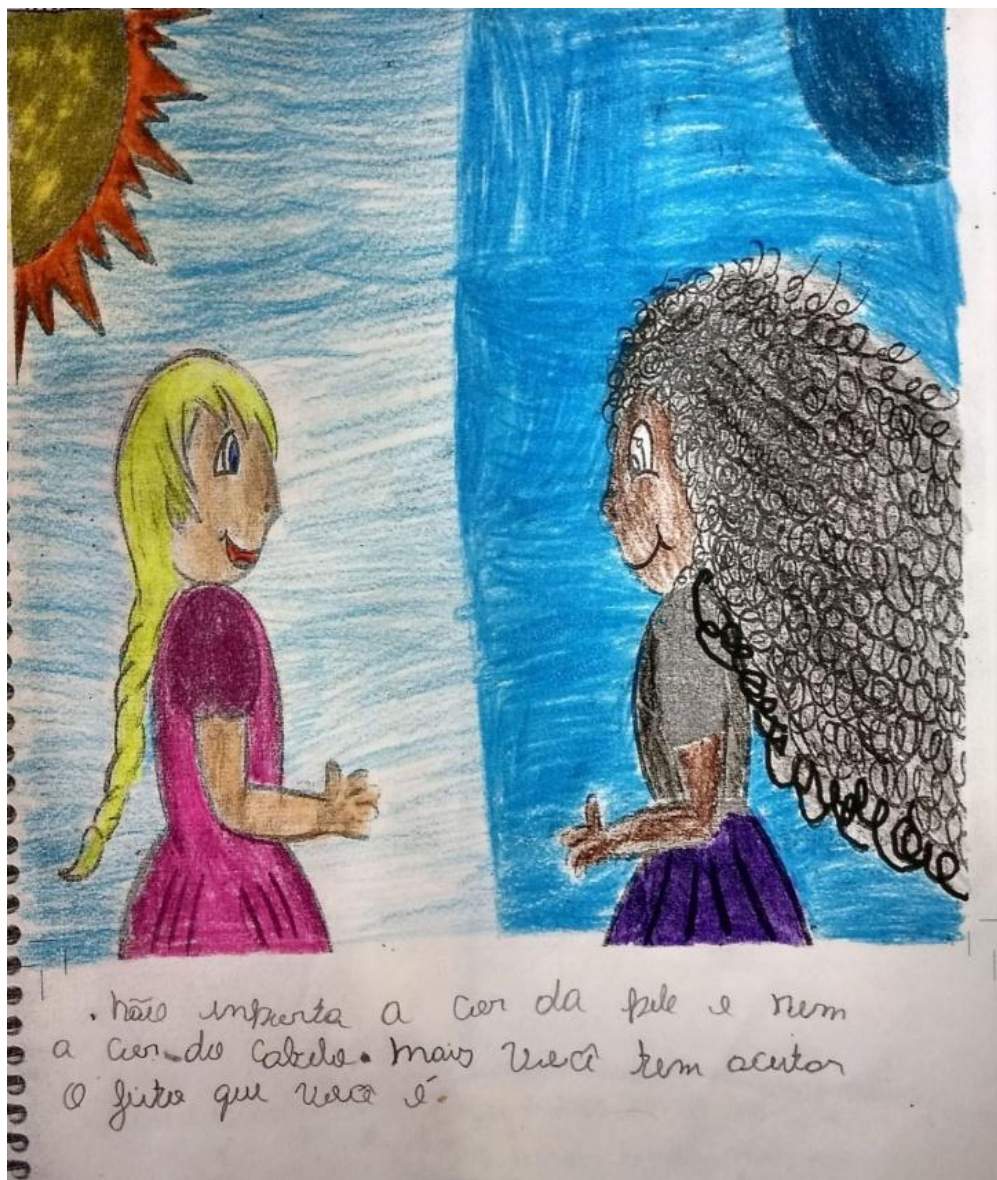
Cooperação

É ajudar várias pessoas não só uma tendo consideração pelo próximo

Aceitação da diversidade

Aceitação da diversidade é saber aceitar as diferenças das pessoas respeito as origens das pessoas

ANEXO II
(ATIVIDADES – MAJU NÃO VAI À FESTA)











Maya vamos para a festa não preciso tricotar de
roupa, você está lindo assim!

ANEXO III
(ATIVIDADES – CARTA À PREFEITA)

Palmas - TO 19/11/2019

Excelentíssimo Prefeita

Eu sou _____, aluno da Escola Municipal _____

Gostaria de pedir que aumente os livros da biblioteca, e melhorar a sinalização no trânsito e pedir que a prefeitura fazer asfalto nas comunidades carentes e melhorar o lanche da escola, gostaria que tivesse mais professores na escola.

Respeitosamente _____

18.11.2012

Palmas - TO

12/11/2012

Soleníssimo Profeita

Eu sou

Aluno do curso municipal

Secretário de Pedir.

Que, Pimtem e fiação de Pedir. De vossa minha sede
 os carros não tem respeito para em cima do pais
 e trop. alho os pessoas atravessar as ruas. também
 pedir para fazer mais rampas para pessoas
 cadeirantes conseguirem passar. também para
 cumprir as segundas das semáforos para as
 idosas conseguirem atravessar as ruas. também
 para aderir o lote para fazer o estacionamento
 do residencial lilian.

Atenciosamente

FORONI

Palmas - TO 19/11/2019

19 de Novembro de 2019

Excentíssima

Prefeita

Eu sou a , aluna da Escola Municipal

Gostaria de pedir que reformarem a praça das bolas localizada na quadra 1206 sul, também queria pedir que colocarem mais policiamento na minha quadra pois as vezes de madrugada, de manhã cedo colocam umas músicas muito altas e por segurança.

Gostaria de pedir mais faixas de pedestres porque muitas faixas estão apagadas e não tem em muitos lugares, sobre a praça que eu quero reformar é porque o parquinho da praça tem seis lugares de colocar balanço mais só um balanço que tem a academia praça esta muito sem segurança pois eu mesma sou a vítima e testemunha uma roda de ferro caiu em cima de mim e o menino que segurava o parafuso estava quebrado e me cortou no rosto fui para no hospital levei doze ou treze pontos.

Palmas-TO, 19/11/2019

Excelentíssima Prezada

Eu sou
municipal

, da Escola Mu-

Gostaria de pedir que todas as ruas tire-
sse pavimentação asfáltica, e que o transporte
melhorasse e que tivesse mais segurança, quanto mais
a noite quanto o dia, e que tivesse mais educação
nas escolas, que tivesse mais materiais e livros, e
saúde que tivesse mais posto de saúde e hospitais.

Palmas, To 28 de Novembro de 2019

♥ Excelentíssima prezeta Cintia

Meu Nome é

Sou aluno da Escola Municipal

Gostaria de pedir emprego aos deficientes,
e Mais Hospitais para os doentes, transporte para as
pessoas que estudam longe e para quem trabalha
longe e que Comportem os ruas e o trânsito

Atenciosamente

Palmas-TO, 28 de novembro de 2019

Excelentíssima Prefeita Cinthia Ribeiro,

Meu nome é _____, sou aluno
da Escola Municipal _____.

Gostaria de pedir melhorias nos Hospitais
e nos postos de saúde, conserto dos equipamentos
nas praças e melhorias nos pontos de ônibus.
Gostaria de pedir também que asfaltasse as ruas
de terra e tampar os buracos nas ruas e
manuseie as feiras de pedestre.

Atenciosamente:

ANEXO IV

(QUESTIONÁRIO PROFESSORES)

COM QUE FREQUÊNCIA VOCÊ UTILIZA RECURSOS LITERÁRIOS EM SUAS AULAS? POR QUÊ?

2 respostas

Três vezes por semana

Semanalmente faço aula de leitura com os alunos utilizando os títulos disponíveis na biblioteca. Penso que é importante para desenvolver o hábito da leitura e também o gosto de ler sempre.

EXPLIQUE UM POUCO A FORMA QUE VOCÊ TRABALHA COM TEXTOS LITERÁRIOS EM SUAS AULAS.

2 respostas

Leitura individual pelos alunos e outras vezes pelo professor

Faço estudo de uma obra única com exemplares para a turma toda ler, interpretar e fazer o resumo da história do livro. Também faço leitura e interpretação de textos outros, além dos textos existentes no livro didático.

COMO É A ACEITAÇÃO DOS ALUNOS?

2 respostas

Boa. Eles gostam de leitura

Boa, pois existem aqueles que ainda não desenvolveram o hábito da leitura e até mesmo demonstram dificuldades no entendimento do que lê.

VOCÊ ACREDITA QUE DE ALGUMA FORMA OS LIVROS UTILIZADOS NESSE PROJETO INFLUENCIARAM OU INFLUENCIARÃO NO PENSAMENTO CRÍTICO DOS ALUNOS PARTICIPANTES? JUSTIFIQUE.

2 respostas

Certamente sim. A leitura os levou a refletir sobre o racismo

Sim, acredito que os resultados do processo ensino aprendizagem são colhidos a curto e longo prazo, ficou uma sementinha que germinará em breve.